



O Ativismo Folkcomunicação Na Formação De Cidadãos Através Do Futebol

Marcelo Calabresi¹

Diógenes Freire²

Severino Alves de Lucena Filho³

Fernanda Gabriela Gadelha⁴

Resumo

O presente artigo busca identificar as características folkcomunicacionais presentes no futebol através do ativista como agente socializante. Para tanto, o objeto de estudo adequa-se à demanda criada pela folkcomunicação, tendo em vista tratar-se de um projeto social idealizado e executado à margem do sistema sociopolítico e econômico comum às classes dominantes. Neste sentido torna-se importante entendermos o esporte como instrumento de inclusão social e ferramenta que permite caracterizar a liderança comunitária como ativismo folkcomunicação. Tudo isso se deu a partir da necessidade de um pai oferecer uma opção de lazer ao seu filho e uma vez constatada a inexistência de espaços concebidos para tal atividade, não só foi despertada a vontade de reivindicá-los, como também surgiu a oportunidade de reinventar e transformar a realidade local. Daí a conclusão de que muito embora os poderes públicos sejam falhos e omissos no tocante a muitos aspectos sociais, foi justamente a sua ausência que permitiu o despertar do nosso agente comunicacional. Isso é claro não justifica a omissão nem isenta o poder público de suas atribuições, mas foi da junção deste problema com a paixão pelo futebol que nasceu o ativista folkcomunicação

Palavras-chave: Ativista. Folkcomunicação. Futebol. Inclusão social

¹ Graduando do 6º período de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba E-mail: mcnapolis@hotmail.com

² Graduando do 5º período de Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba. E-mail: diogenes.freire@hotmail.com

³ Professor do Departamento de Comunicação em Turismo da Universidade Federal da Paraíba. Pós Doutorado pela Universidade de Aveiro – Portugal. Pesquisador da Rede Brasileira de Folkcomunicação. E-mail: recifrevo@uol.com.br

⁴ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC-UFPB) e graduada em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela já referida universidade. E-mail: gaby.gadelhar@gmail.com



Introdução

A primeira vista o processo de globalização parece ter nos igualado quando o assunto é acesso à informação. De fato, as transformações econômicas e sociais têm permitido que um maior número de pessoas tenham acesso a bens de consumo tangíveis e intangíveis. Desde a compra de um aparelho de celular até a oportunidade de assistir a um musical, por exemplo, o fato é que tudo contribui para que cada pessoa seja quase autossuficiente em relação à busca da informação e não seja apenas um agente passivo de sua recepção.

Apesar de toda a mecânica criada pelo processo de globalização, enquanto for preciso de pessoas para por em prática os seus conceitos, o sistema estará sujeito a interpretações variadas e adaptações locais. Afinal, não existe processo, conceito ou quaisquer diretrizes que sejam capazes de eliminar a imperfeição e a criatividade humana. Além de que sem essas duas características também não existiriam conceitos como o da globalização que apesar de tentar privilegiar o aspecto material das coisas, precisa do aspecto humano para sua difusão.

Dito isso, é preciso entender que mesmo com um mundo rodeado de fontes de informação e não descartando a influência de mídias com a TV, por exemplo, as pessoas que vivem à margem de uma sociedade ainda seguem algumas lideranças locais. Isso se dá mediante o fato de que o processo pelo qual se exclui determinada comunidade é o mesmo processo pelo qual é oferecida a chance de autoconhecimento da mesma. Ou seja, uma vez marginalizada, a comunidade em questão começa a criar ferramentas para tentar interpretar o mundo que a marginaliza.

Daí a importância de se ter um elo entre o local e o global no tocante à troca de informações. É assim que nascem as lideranças comunitárias. Aquele que goza de maior credibilidade entre os seus pares e ao mesmo tempo tem acesso e repertório para transitar nas instâncias superiores às suas, ganha notoriedade e passa a ser uma espécie de filtro, hora sendo o porta voz de sua comunidade frente aos questionamentos



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

externos, hora fazendo o caminho inverso, recodificando as mensagens externas para que sejam perfeitamente acomodadas ao repertório local.

Uma vez reconhecido como líder, o agente traz para dentro da comunidade o que está se passando além dos limites sociais, econômicos e geográficos da própria comunidade. Assim o ciclo se completa e se autoalimenta a partir do trânsito da informação nos dois sentidos, sempre conduzidos pelo líder. É a esse tipo de atividade que se atribui o conceito de ativismo midiático da rede folkcomunicação.

Desconsiderando as situações caracterizadas pela malícia ou pela falsa liderança, esses agentes folkcomunicativos atuam em benefício de sua comunidade. Não são raras as vezes em que assistimos manifestações ou movimentos populares onde a multidão é representada através da voz de uma só pessoa.

E é justamente isso que acontece em um bairro da cidade de João Pessoa/PB, onde temos a formação de uma liderança local e de um agente comunicador através da coordenação de um projeto social que busca no esporte a chance de evitar que os jovens sejam tragados pelas facilidades do ilegal. Além de paixão nacional, o futebol é instrumento incontestável de integração social. É comumente visto como um espaço onde se encerram as diferenças sociais e o que vale durante o tempo de competição são as habilidades que, diga-se de passagem, independe de classe social ou nível cultural.

Atraídos por essa combinação entre a legitimidade do ativismo midiático da rede folkcomunicação e a prática do esporte como agente socializante, encontramos na periferia de João Pessoa, o Sr. Paulo Sergio da Silva, popularmente conhecido como “Tatinha”, que há dez anos coordena a escolinha de futebol Nova Geração. Sem quaisquer incentivos públicos durante esta década, Tatinha garante que não existe interesse em criar superatletas e sim ajudar na formação da cidadania daqueles jovens.

Por tanto, o que se segue neste presente trabalho é a tentativa de identificar as características folkcomunicacionais desse quadro sempre trazendo à tona os conceitos já consagrados pela folkcomunicação.



A história do futebol e suas origens no Brasil e na Paraíba

Não é certa nem isenta de polêmica de atribuição a uma cultura ou país sobre a invenção do futebol. O surgimento do futebol é contado por diferentes histórias. Fala-se do começo do futebol em países asiáticos, há 3.000 a.C. Assim, foram surgindo as primeiras formas de jogo que se assemelham ao futebol dos dias atuais. Era de costume chutar crânios de inimigos derrotados e só muito mais tarde é que esses crânios foram substituídos por bolas de couro, cheias com cabelos, com a finalidade de treinar soldados.

Na China conta-se que o futebol era chamado de Cuju, e significava literalmente chutar a bola. É um dos mais antigos jogos de futebol com semelhanças ao futebol atual. De fato, ele é reconhecido pela Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) como um dos principais precursores do futebol moderno. Originou-se na China, mas também era praticado na Coreia, Japão e no Vietnã.

Atualmente, o Cuju não é um esporte institucionalizado, porém alguns países orientais ainda o praticam com as regras tradicionais a fim de preservar seu valor histórico e cultural.



Figura 1 – Cuju praticado durante a dinastia Han da antiga China



Fonte - Internet⁵

Já no Japão existia o Kemari, esporte que sofreu forte influencia do Cuju chinês. O Kemari era disputado com uma bola feita de fibras de bambu, com oito jogadores de cada lado, sendo proibido o contato físico entre os jogadores. Embora não seja institucionalizado, o kemari ainda é praticado no Japão com o intuito de preservar seu valor histórico.

Depois, na Grécia Antiga, relatos contam que os gregos criaram um esporte também semelhante ao futebol, chamado Epyskiros. Os soldados, na cidade de Esparta, jogavam com uma bola feita com bexiga de boi recheada com areia ou terra. Os registros afirmam que com o domínio dos romanos sobre os gregos, isso fez com que

⁵ Disponível em <<https://sites.google.com/site/futebolomundo/futebol>> Acesso em junho de 2013.



eles adotassem o esporte grego, entretanto, de cunho bem mais violento, chamado de Harpastum.

Figura 2 – Epyskiros praticado na Grécia antiga



Fonte - Internet⁶

Na Idade Média, surgiu na França o Soule. O esporte tinha as regras bem violentas, visto que era uma variação do Harpastum disputado pelos romanos. O novo modelo de um suposto futebol tinha como regras válidas, os socos, pontapés, rasteiras e golpes violentos. Era uma disputa que agradava em muito a aristocracia local, com o apoio do Rei Henrique II.

⁶ Disponível em <<http://blogdoaleitalia.blogspot.com.br/2012/06/curiosidade-sobre-origem-do-futebol-na.html>>
Acesso em junho de 2013.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

Ainda na Idade Média, surgiu, em Florença, na Itália, outro jogo, chamado Gioco del Calcio ou Calcio Fiorentino. O esporte tinha aspectos do Soule, sendo violento como ele e contava com a participação de 27 jogadores. Era praticado em praças, onde em cada extremidade tinha dois postes paralelos e o objetivo era levar a bola até esses postes.

O primeiro relato de equipes italianas se enfrentando foi em 1529, quando a Itália era dominada por duas facções políticas de aristocráticos e competiram num jogo de bola violento por horas. Uniformizados, uma equipe de verde e a outra de branco, a bola podia ser jogada com os pés ou com as mãos. Não é por acaso que os italianos chamam hoje o futebol de calcio.

Na Inglaterra, se iniciou a prática de outro esporte semelhante ao Soule francês. O jogo era ministrado igualmente ao Soule, só que com uma bola de couro. Era uma espécie de comemoração cívica e acontecia anualmente nas datas festivas, nos períodos denominados de terça-feira gorda. Os ingleses comemoravam a expulsão dos dinamarqueses da Inglaterra. A bola representava a cabeça de um oficial do exército invasor.

As primeiras partidas do futebol inglês aconteceram na cidade de Chester, onde dois grupos opostos tinham o intuito de fazer a bola ultrapassar os portões da cidade. Com o passar dos anos, os amantes do futebol foram criando as primeiras regras, além de fundar a entidade denominada de *The Foot Ball Association* (FA). A FA, que é o nome da Liga Inglesa de Futebol, em conjunto com a Universidade de Cambridge, instituíram nove regras futebolísticas escritas em cartilhas.

Com o passar dos anos, foram sendo alteradas e aperfeiçoadas as normas do futebol. Em 1868, foi definida como regra a presença de apenas um árbitro dentro do campo. No ano anterior, decidiram colocar travessões de madeira nas balizas. O apito foi adotado para que não fosse mais preciso que os árbitros tomassem a decisão no grito, o que até então acontecia.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

Depois de quase vinte anos, juntaram-se Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda para fundar a International Board, que hoje em dia é um órgão filiado à Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA). Os dois, responsáveis pelas regras do jogo, revisaram os manuais, adotaram redes nas balizas, delimitaram as dimensões do campo, criaram a lei do impedimento, o pênalti, entre outras normas.

O futebol foi organizado e revisado nas suas regras. O esporte começou a crescer, ganhou popularidade e apoio. Os meios de comunicação investiram na sua divulgação, logo o esporte fazia parte das atividades físicas das escolas. Em pouco tempo, fez adeptos no mundo inteiro. E iniciaram-se as competições.

O primeiro brasileiro a dominar a nobre arte de controlar a bola e marcar gols era quase um inglês. Charles Miller nasceu no bairro do Brás, em São Paulo, descendente de ingleses e escoceses. Aos 9 anos seguiu para a Inglaterra com a finalidade de estudar. Lá, aprendeu a jogar futebol. Nos jogos oficiais pelo seu colégio, Charles marcou 41 gols em 25 partidas.

Quando desembarcou de volta ao Brasil em 1894, Charles Miller se surpreendeu ao descobrir que ninguém conhecia o esporte bretão por aqui. Sorte que trouxera na bagagem duas bolas, uma agulha, uma bomba de ar e dois uniformes. Começou então a ensinar amigos e altos funcionários da Companhia de Gás, do Banco de Londres e Ferrovia São Paulo Railway, fundando o primeiro clube de futebol do Brasil, o São Paulo Athletic, clube que congregava os britânicos residentes em São Paulo.

O novo esporte vingou e no primeiro campeonato disputado no Brasil, o campeonato Paulista de 1902, lá estava Miller encabeçando a lista de artilheiros com 10 gols em nove jogos. Ele ainda jogou até 1910 pelo São Paulo Athletic Club. Depois atuou como árbitro e, finalmente, apenas como torcedor. Morreu em 1953, coberto de glórias por ter introduzido o futebol no país, mas sem ver o Brasil vencer uma Copa do Mundo de futebol.

A chegada do futebol no Estado da Paraíba teve início na capital João Pessoa. Foi lá que um grupo de acadêmicos conterrâneos, que estudavam no Rio de Janeiro, e



estavam de férias na cidade no ano de 1908, trouxeram a ideia de um novo esporte. O estudante José Eugênio Soares trouxe do Rio de Janeiro a primeira bola de futebol e juntamente com seus colegas, fundou a equipe Club de Foot Ball Parahyba.

Para a primeira partida, decidiram dividir o clube recém criado em duas equipes: Norte e Sul. Assim, foi realizada a primeira partida de futebol em solo paraibano no dia 15 de janeiro de 1908, no local denominado Sítio do Coronel Manoel Deodato nas imediações onde atualmente localiza-se a Praça da Independência.

O futebol como instrumento de inclusão social

A maioria dos garotos de origem pobre no Brasil sonha em ser jogador de futebol. Afinal, num país com a oitava pior distribuição de renda do mundo, as chances de ascensão social são pequenas somente estudando e trabalhando. A exemplo de jogadores como Romário, Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, entre outros, que vieram de comunidades pobres e rapidamente ficaram milionários, muitos garotos querem seguir carreira nos gramados.

O futebol foi e continua sendo uma das poucas formas de ascender socialmente no Brasil. Esses garotos são incentivados pelas próprias famílias a seguirem carreira no futebol porque sabem que esta é umas das poucas maneiras de saírem da miséria. Nesses casos, é muito comum o jovem abandonar a escola para se dedicar exclusivamente ao futebol, com o consentimento da família.

Se todo garoto que abandonasse a escola para seguir carreira no futebol desse certo, pelo menos financeiramente o futuro da família estaria garantido, mas não é isso o que acontece. Os garotos não são preparados corretamente para a carreira no futebol e muito menos preparados para tentar outra carreira, caso não deem certo no futebol.

Daí a importância de projetos que formem cidadãos, buscando afastá-los das drogas, da criminalidade, auxiliando nos estudos, antes de formar ou tentar formar,



apenas jogadores de futebol. Os garotos precisam de apoio para que possam dar continuidade aos estudos caso não obtenham êxito na carreira futebolística.

Tatinha: um ativista folkcomunicação

O agente comunicador do sistema da folkcomunicação é caracterizado pelo prestígio que tem dentro de um grupo de referência, não importando a sua posição social ou econômica. Por isso, exercem uma espécie de mediação entre o seu grupo e grupos ou agentes externos, atuando como um filtro nos dois sentidos. Tanto no fluxo de informações que entram no grupo quando nas informações que precisam ser externadas, o ativista folkcomunicativo é o elo que permite essa interação, ora traduzindo os códigos de acordo com os seus pares, ora reorganizando a informação para ser entendida por quem não faz parte daquele nicho.

Segundo Beltrão (1980) os líderes agentes comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são “autoridades” reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores. Os estudos desenvolvidos por Beltrão são a base para os demais autores que estudaram e estudam a folkcomunicação e os seus agentes. Assim, esses estudos revelam que

a ascensão à liderança está intimamente ligada à credibilidade que o agente comunicador adquire no seu ambiente e à sua habilidade de codificar a mensagem ao nível de entendimento de sua audiência. Em função da estrutura social discriminatória mantida em nações como a nossa, a massa camponesa, as populações marginalizadas urbanas e até mesmo extensas áreas proletárias ou de subempregados se comunicam através de um vocabulário escasso e organizado em significados funcionais próprios dentro dos grupos. (BELTRÃO, 1980, p. 36)

Para tanto é preciso fazer a devida classificação do que vem a ser sujeito ativo e ativista. O primeiro é aquele que executa determinada ação; o segundo é aquele que está mais ligado ao planejamento da ação. Segundo TRIGUEIRO (2008) o sujeito



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

ativo é aquele que exerce um ação, que participa de atividade, que está sempre em movimento; ativista é um militante que organiza, planeja a participação de outros nos movimentos, que se posiciona a favor ou contra determinada situação, domina diversos conhecimentos, dá primazia a ações que comportem diferentes graus de definições, é um propagador de ideias. (TRIGUEIRO, 2008, p. 47).

Podemos entender o ativismo como uma doutrina que busca sentido para realização de atividades voltadas, geralmente, para o bem-estar do grupo de referência. Daí a relevância do ativista folkcomunicativo que

graças a suas características de liderança e a sua capacidade interpretativa da informação, esse receptor distinguido se transforma (muitas vezes depois de consultar outras fontes, líderes e meios) em comunicador para uma audiência que o procura e o entende, já que emprega veículos (meios de folk) que, ainda se massivos (como o rádio ou impressos do tipo de folhetos e volantes), lhe são acessíveis e familiares. (BELTRÃO, 1980, p. 33).

Dotado de todas essas características, o Sr. Paulo Sergio da Silva, popularmente conhecido como “Tatinha” é idealizador e coordenador de um projeto que nos oferece a oportunidade de estudar as aplicações práticas de toda a teoria vista até aqui. Tatinha é líder comunitário no bairro Valentina em João Pessoa/PB e coordenador da escolinha de futebol “Nova Geração” que atende aproximadamente 250 crianças e adolescentes daquela localidade.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

Figura 3 – Tatinha (primeiro à esquerda) e alguns integrantes da escolinha



Fonte – Elaborada pelos autores

O projeto funciona sem quaisquer incentivos fiscais das esferas governamentais. Todo o material necessário ao seu funcionamento é conseguido através do apoio dos pais e voluntários.

Desta forma, a escolinha já completa o seu décimo ano de funcionamento e através da mobilização de todos os envolvidos foi conseguida uma sede e viabilizado alguns horários para que as atividades pudessem ser realizadas em um campo daquele bairro. O campo da marquise, como é conhecido, é o local onde são realizadas as competições e demais atividades relacionadas ao projeto.



O foco nunca foi revelar grandes talentos, mas sim, manter uma atividade contínua onde se exercitem os valores da cidadania. Fugindo a essa regra, a um caso de um aluno que se destacou, foi cooptado por clubes locais e hoje está no futebol profissional do Catar - país árabe conhecido pela sua riqueza em petróleo e gás natural.

Há também um caso de grande superação por parte de um aluno portador de deficiências físicas que ao suplantar todos os obstáculos, realiza as atividades com o mesmo desempenho de todos os outros alunos.

Metodologia

Na busca por uma metodologia que atendesse a demanda da pesquisa, levando-se em conta a necessidade de registrar os fatos a partir da ótica do agente comunicador, decidimos aplicar os métodos elucidados pela história oral.

Na história oral as entrevistas são tomadas como fontes para a compreensão do tema estudado. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Além disso, o trabalho com a metodologia de história oral compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação dos depoimentos. Exige, antes, a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas.

Para tanto, foi mantido o constante contato com o entrevistado durante a execução deste projeto, num período compreendido entre novembro de 2012 a março de 2013.



Conclusão

Ao observar os desdobramentos da cultural local sob a ótica da folkcomunicação é possível perceber a capacidade inventiva dos agentes envolvidos no processo. A secessão social distingue e identifica as classes através de estatísticas e rótulos. Através desta fórmula injusta, o sistema oprime socialmente, mas não castra a criatividade dos seres sociais. Prova disso são os caminhos e saídas encontradas para (re)criar o próprio processo de comunicação de uma comunidade, por exemplo.

Em cenários como estes não são raras as lideranças. Embora as formas criativas variem, o contexto sempre é semelhante. No caso estudado não foi diferente. Uma comunidade colocada à margem da sociedade é ignorada pelo poder público em vários segmentos e tem que encontrar um jeito para compensar a falta de um poder que cuide dos problemas ligados à juventude.

Por fim, nasce o ativismo folkcomunicacional como canalizador de uma ideia que mais tarde se transforma em projeto. Nesse caso, a determinação do ativista parece ter sido o fator decisivo para perpetuação do projeto, a ponto de ter sido a partir daí que nasceu a liderança e não o contrário. Ou seja, o ativista “Tatinha” foi criado a partir do momento em que se iniciou a Escolinha Nova Geração. Antes disso não existia a liderança comunitária.

Independente de como foi o processo de formação da liderança, o caso estudado configura claramente o que é delimitado pela folkcomunicação e foi mais uma prova da contemporaneidade dos seus conceitos.

Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

BENJAMIN, ROBERTO. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2000.

DOUGAN, ANDY. **Futebol e guerra**. Editora Jorge Zahar, 2004.

FILHO, SEVERINO ALVES DE LUCENA. **Festa junina em Portugal**: mascar culturais no contexto de folkmarketing. João Pessoa: Editora universitária/UFPB, 2012.

História do Futebol. Disponível em: < <http://www.suapesquisa.com/futebol/>> Acesso em 10 de março de 2013.

HOLANDA, FABÍOLA. MEIHY, JOSÉ CARLOS SEBE BOM. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007. Resenha de FILHO, EDUARDO MEINBERG DE ALBUQUERQUE MARANHÃO. ROVAI, MARTA GOUVEIA DE OLIVEIRA. Revista História Agora, nº 9, 2010.

LUISA, MASSARANI. **Bola no pé: Incrível historia do futebol**, Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2004

MURRAY, BILL. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

O que é história oral. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral> Acesso em 03 de março de 2013.

Para pensar e fazer a história oral. Disponível em: <www.historiagora.com/revistas-ant anteriores/historia-agora-no9/44-resenha/169-para-pensar-e-fazer-a-historia-oral-resenha-de-meihy-jose-carlos-sebe-bom> Acesso em 03 de março de 2013.

UNZELTE, CELSO. **O livro de ouro do futebol**. São Paulo: Sinergia, 2009.